A CENA DO SKATE NO BRASIL PÓS OLIMPIZAÇÃO: DA REPRESSÃO À GARANTIA DE CONDIÇÕES PARA PRODUÇÃO DE ESPORTE-ESPETÁCULO

THE SKATEBOARD SCENE IN BRAZIL POST-OLYMPIZATION: FROM REPRESSION TO GUARANTEE CONDITIONS FOR THE PRODUCTION OF A SPORT-SHOW

LA ESCENA DEL SKATEBOARD EN BRASIL POST-OLIMPIZACIÓN: DE LA REPRESIÓN A LAS CONDICIONES DE GARANTÍA PARA LA PRODUCCIÓN DE UN SPORT-SHOW

Gabriela Cardoso Machado
Universidade de Brasília (UnB)
Fernando Mascarenhas
Universidade de Brasília (UnB)
Marcelo Resende Teixeira
Universidade de Brasília (UnB)

INTRODUÇÃO

A olimpização do skate inaugura um outro padrão de relacionamento do Estado com a modalidade no Brasil, uma prática e subcultura marginalizada que sofreu com a repressão ao longo de sua história, mas, que, atualmente, garante suporte e condições para a sua produção como esporte-espetáculo.

Algumas pesquisas internacionais retratam pontos em comum de tensão entre os valores culturais, econômicos, a falta de liberdade dos praticantes por conta do modelo regrado e sobre o impacto na identidade organizacional das comunidades esportivas dos novos esportes inseridos na edição dos jogos de Tóquio 2020. (RENFREE *et al*, 2021; BLANCHARD, 2018; REGEL, 2018; THORPE e WHEATON'S, 2011).

Além disso, diferentes pesquisas científicas apontam a importância de olhar para o skate como uma prática que está em uma nova fase de transição de sua jovialidade, o que

fomenta ainda mais as discussões em torno desse fenômeno. (BRANDÃO, 2006, 2010a, 2010b, 2012a, 2012b, 2014; HONORATO, 2013; MACHADO, 2014; PEREIRA E PINTO, 2010, 2017).

Apesar das pesquisas sobre a história e emancipação do skate, enquanto uma prática corporal consolidada, já serem abrangentes, nenhum estudo nacional traz a discussão sobre a economia do skate no Brasil. Apenas estudos internacionais relatam aproximação com o tema do financiamento dessa modalidade, como os estudos de DINCES, 2011; DUPONT, 2014; TURNER, 2016; HEAMAN, 2020; KILBERTH E SCHWIER, 2020.

Assim, essa pesquisa que faz parte de uma tese de doutorado em construção, busca descrever a cena do skate após sua olimpização, a partir da contextualização do surgimento e desenvolvimento do skate em meio à invenção de novos esportes no capitalismo tardio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que combina técnicas de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009) e busca responder: Como se dá o desenvolvimento dos novos esportes atualmente e como o skate vem se enquadrando nesse contexto?

Esse trabalho justifica-se pelas circunstâncias sociopolíticas em que os novos esportes estão inseridos, uma vez que o crescimento das novas modalidades é um fator importante que deve ser levado em consideração. Principalmente o aumento de praticantes de skate que vem em constante expoente assim como o crescimento de vendas de artigos esportivos da modalidade após sua olimpização.

OS NOVOS ESPORTES E O DESENVOLVIMENTO DO SKATE

No contexto atual em que vivemos, o esporte é englobado como elemento hegemônico no campo da cultura corporal. Apesar de ser uma discussão recente, alguns estudos apontam a importância do olhar sobre o esporte moderno em diferentes esferas, histórica, social, midiática, política e econômica (PILATTI, 2007; BRACHT, 2005; RUBIO, 2007; GOELLNER, 2005).

Para Díaz, 2008, assim como “no resto da produção pós-fordista, os novos esportes são modismos servidos efemeramente ao serviço ‘just in time’ de uma clientela em mudança” (p.57). O que está diretamente ligado as qualidades estéticas, exploração comercial e acentuação do “mito” no âmbito esportivo, tanto personificado nos atletas como também em

seus feitos espetaculares. O período entre o surgimento dos novos esportes e sua difusão e popularização na década de 1960 e 1970, que coincide com a história do skate, corresponde ao contexto que Mandel (1982) chama de capitalismo tardio. Período que reflete uma nova lógica cultural que acompanha e embala transformações e mudanças no que se refere à produção, consumo, prática e gosto pelos esportes. Como afirma Díaz, 2008

> são produzidos espaços artificiais como paredes de escalada, onde a competição e o recorde são racionalizadas através de paredes artificiais, homologadas e rodeadas de arquibancadas. A parede, inicialmente destinada ao entretenimento, tornou-se um espaço com significado próprio, muito desvinculado das regras da escalada na natureza. Todo esse processo de invenção e comercialização é tão econômico quanto cultural (p. 60)

Assim como, Domingo (1991) e Díaz (2008) afirmam que o aparecimento dos novos esportes está ligado às mudanças culturais produzidas pelo pós-fordismo – ou modelo de acumulação flexível, conforme denomina Harvey (2006).

Nesse contexto, o skate ganha espaço enquanto prática alternativa bastante procurada entre jovens de 7 a 15 anos, em diferentes regiões do país, principalmente após os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 com o final da pandemia do covid-19. Dados da Confederação Brasileira de Skate – CBSK mostram que antes dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 a CBSK mapeava 85 Organizações Não Governamentais – ONG's que tinham o skate como prática principal. Após os Jogos Olímpicos, que aconteceram de fato em 2021 por conta da pandemia do covid19, já existiam 104 projetos sociais promovendo o skate como prática corporal. Porém desses, apenas 25 estão regulamentados como entidade com CNPJ aptos a receber apoio da Lei de Incentivo Fiscal por exemplo. Segundo a CBSK o papel da confederação é mapear e dar apoio técnico e na medida do possível distribuir equipamentos de segurança para essas instituições que estão presentes em todas as regiões do país.

Durante o último ciclo olímpico o skate contou com o incentivo do governo federal de R$ 3,2 milhões de reais através do programa Bolsa Atleta, o que beneficiou 65 skatistas ao todo e contou com a conquista de 3 medalhas de prata (BRASIL, 2021). Em 2023, foram 32 atletas contemplados para receber auxílio através do programa Bolsa Atleta nas duas modalidades olímpicas. (CBSK, 2023). Além da implantação do programa Skate por Lazer do governo federal, que tem o objetivo de democratizar o skate nos municípios do Brasil. Outro

grande incentivo recente que já teve seu orçamento de 9 milhões aprovado, é a sede oficial do Centro de Excelência de Skate Olímpico para o treinamento dos atletas profissionais de skate que será construído na cidade de Santo André no estado de São Paulo.

Contudo, não foi de um dia para o outro que o skate passou a ser pensado como prática esportiva olímpica. Antes da CBSK que foi criada em 1999, a primeira organização de abrangência nacional foi a Associação Brasileira de Skate (ABS) em 1986, que no outro ano através da União dos Skatistas e Empresários (USE), fundaram a União Brasileira de Skate (UBS) em 1988 (CBSK, 2020). Mesmo com pouco incentivo, esse pioneirismo ganhou visibilidade da imprensa e dos órgãos governamentais, e aderência da sociedade com o aumento de praticantes e simpatizantes do estilo *skatewear*, e com a realização de campeonatos e a construção de pistas skateparks, encaminhando o skate para o reconhecido e a caminho do profissionalismo.

Os eventos telespectacularizados dos *X Games* já ganhavam visibilidade internacional desde 1995 como um grande evento dos esportes radicais, o que culminou também com o desenvolvimento do skate no Brasil com as participações de sucesso dos atletas brasileiros. Como Bob Burnquist no masculino e Karen Jonz no feminino que fizeram história.

Para Díaz (2008),

> a produção de novos esportes está relacionada ao processo escalar de segmentação social no tecido urbano da cidade, onde a ascensão social é também uma ascensão esportiva. O mercado esportivo produz novas modalidades que são consumos destinados a construir identidades sociais e cuja validade é flexível e mutável. Novos espaços também são produzidos como resultado de novos estilos sociais. (p. 246).

Portanto, quando pensamos nos "novos esportes" estamos falando de uma ressignificação dos esportes tradicionais, vislumbrando as inúmeras versões e possibilidades que os esportes modernos podem ter ligados aos estilos contemporâneos e pós-modernos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o skate necessita de investimento específico de acordo com os objetivos traçados para essa modalidade, para que possa beneficiar não somente os atletas de alto rendimento, mas também os adeptos da prática que somam mais de 8 milhões de pessoas,

sendo mais de 2 milhões mulheres, de acordo com os últimos dados levantados pelo Datafolha em 2015. Nosso desafio nesse trabalho foi trazer o enfoque para concepções inexploradas sobre a discussão dos novos esportes, nesse caso, a partir do olhar para o skate como um observatório, sendo chave interpretativa para desvelar a nova morfologia do esporte contemporâneo do ponto de vista político e econômico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BLANCHARD, B. (2018). **Olympic climbing survey: 15 pro climbers weigh in. Climbing.** https://www.climbing.com/news/olympic-climbing-survey-15-pro-climbers-weigh-in/. Acesso em: 19/03/22

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução. 3.ed., Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRANDÃO, Leonardo. Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972 – 1989). Dissertação (Mestrado em História), Universida-de Federal da Grande Dourados / UFGD, 2006.

BRANDÃO, Leonardo. Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmi-ca. In Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.32, n° 1, 2010a.

BRANDÃO, Leonardo. Publicidades da Rebeldia: esporte e consumo no rit-mo do Punk rock. In: Revista de artes e humanidades, n. 5, 2010b.

BRANDÃO, Leonardo. "O surf de asfalto": a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In Skate e skatistas: ques-tões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012a.

BRANDÃO, Leonardo. **Por uma história dos "esportes californianos" no Brasil**. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2012b.
BRANDÃO, Leonardo. Para além do esporte: uma história do skate no Brasil. Blumenau: Edifurb, 2014

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei, Brasília, ano 2021, n.-. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2053320. Acesso em: 11/03/2023.

CBSK. **Somos Todos CBSK**: A história da Confederação Brasileira de Skate. 2020. Disponível em: http://www.cbsk.com.br/uploads/repositorio/somostodoscbsk-a-historia-da-confederacao-brasileira-de-skate.pdf. Acesso em: 16/03/2022

CBSK. Ministério do Esporte divulga aprovados ao Bolsa Atleta 2023 com 32 skatistas contemplados. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/skate-por-lazer .Acesso em: 20/04/2023.

DÍAZ, Á. R. **El deporte en la construcción del espacio social**. Madrid: CIS, 2008.

DINCES, Sean. 'Flexible Oposition': Skateboarding Subcultures under the Rubric of Late Capitalism. **The International Journal of the History of Sport**. 28:11, 1512-1535, 2011. DOI: 10.1080/09523367.2011.586790

DOMINGO, B. C. La aparicion de los nuevos deportes y sus repercusiones. **Apunts**. Educación física y deportes, 4(26), 1991.

DUPONT, Tyler. Do núcleo ao consumidor: a hierarquia informal da cena do skate. Journal of Contemporary Ethnography, p. 556–581, 2014. https://doi.org/10.1177/0891241613513033

GOELLNER, S. V. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro v.1, n.2, p. 79-86, julho/dezembro, 2005.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1989 (3. ed.).

HEAMAN, Samuel. Explaining the Impact of Funding on Public Skatepark Design: A Case Study of Skateparks in Hamilton, Ontario. 2020. 127 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - The University of Guelph, Guelph, Ontario, Canada, 2020.Dsiponível em: http://hdl.handle.net/10214/17958

HONORATO. Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 95-112, jan. /mar. 2013.

KILBERTH, V., SCHWIER, J. (org.). Skateboarding between subculture and the olympics. A youthculture under pressure from commercialization and sportification. 2020. DOI: 10.14361/9783839447659. Disponível em: https://www.transcript-verlag.de/media/pdf/2a/da/b7/ts4765_198p0O3U4EWqYO.pdf

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. De carrinho pela cidade: a prática do skate em São Paulo. São Paulo: **Intermeios**; Fapesp, 2014.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio.** São Paulo: Abril Cultural, 1982. MANDELL, R. **Sport**: a cultural history. New York: Columbia University Press, 1984.

PEREIRA, J. G. de Sá; PINTO F. M.., O Skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.799-807, jul./set. 2010.

PEREIRA, J. G. de Sá; PINTO F. M.., A relação com skatismo e seus saberes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 10, n. 22, p. 145-160, mai./ago. 2017.

PILATTI, L. A. A lógica da produção do espetáculo: o esporte inserido na indústria do entretenimento. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información e Comunicación**, vol. VIII, n. 2, maio – ago, 2006.

REGEL, N.. **Climbing Is Going Olympic: What does that mean for the sport**? 2018. https://www.ispo.com/en/trends/climbing-going-olympic-what-does-mean-sport. Acesso em: 18/03/2022

RENFREE, G.; CUESON, D.; WOOD, C.. **Skateboard, BMX freestyle, and sport climbing communities' responses to their sports' inclusion in the Olympic Games.** Managing Sport and Leisure 2021, ahead-of-print, 1-15. 2021.

RUBIO, K.. **Educação olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

TURNER, Daniel. O skatista civilizado e a hegemonia do financiamento esportivo: um estudo de caso do esporte alternativo. Sport in Society, p. 1248-1262, 2016. DOI: 10.1080/17430437.2013.821256

THORPE, H., & WHEATON, B.. **'Generation X games', action sports and the Olympic movement:** Understanding the cultural politics of incorporation. Sociology, 45(5), 830–847, 2011.